

VIII Colóquio Internacional Marx e Engels, Campinas, 2015.

Reflexões sobre metodologia marxiana: estudos a partir de algumas contribuições de Crítica Marxista.

Rosa Maria Corrêa das Neves, Pesquisadora da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Fiocruz e

Siomara Borba, Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ.

Comunicação submetida ao GT 3 – Marxismo e Ciências Humanas.

Introdução

Temos buscado desenvolver uma compreensão teórica sobre ciência, produção de conhecimento científico e formação científica, tendo em vista nosso envolvimento na formação de pesquisadores da educação. O presente texto é parte desse movimento teórico e expõe resultados parciais de pesquisa cujo objetivo mais amplo é analisar as interpretações de acadêmicos brasileiros sobre as considerações teórico-metodológicas de Marx, em especial sobre as considerações teórico-metodológicas expostas em “O método da Economia Política”, terceiro dos quatro tópicos de um de seus manuscritos econômicos¹ produzidos entre 1857 e 1858.

Para este fim, iniciamos processo de identificação de contribuições publicadas em periódicos de reivindicação marxista para uma análise particular e de conjunto. Neste trabalho específico, expomos parte dessa pesquisa geral, considerando parte de artigos veiculados na *Crítica Marxista*. Na primeira parte, expomos o que vimos concluindo sobre ciências e sobre “método cientificamente correto”; na segunda, uma síntese das posições sobre método de Marx veiculadas em parte dos artigos da *Crítica Marxista* que até então examinamos. Cabem alguns esclarecimentos sobre nossa exposição: a edição de “O método da economia política” de Marx que tomamos para nossos estudos foi a edição portuguesa de 1974, pela Editorial Estampa e ainda que, para evitar repetições, algumas vezes usamos a sigla **MEP** para nos referirmos ao texto “O método da economia política” de Marx. Importa também destacar que este texto teórico-metodológico de Marx nos inspira a usar a expressão “método cientificamente correto” como síntese das

¹ Quartim de Moraes afirma que “O método da economia política” é a quarta parte do manuscrito de título “Introdução à crítica da economia política” (Einleitung zur Kritik der Politischen Ökonomie); adotam o título “Introdução” tanto Fausto Castilho quanto a primeira edição completa dos manuscritos econômicos de Marx, em 2001, pela Boitempo Editorial, traduzida por Mário Duayer e Nélio Scheider.

posições teórico-metodológicas que vão sendo afirmadas por Marx no seu movimento teórico.

Ciência e “método cientificamente correto”: o caráter histórico da ciência e a questão metodológica do conhecimento científico.

Ao reivindicarmos a possibilidade de compreensão científica da realidade social e da educação enquanto objeto científico, passível de ser conhecido através de uma metodologia propriamente científica, emergem problemas acerca do que seja ciência, método científico e objeto científico, questões que tem merecido, de nossa parte, estudos e publicações recentes (Neves e Borba, 2011, 2014).

Sobre ciência, entendemo-la ao mesmo tempo como uma forma epistêmica e uma forma social e histórica² que passa a dominar frente a outras, à medida em que através de diversos processos revolucionários, passa a dominar o capitalismo, ordem burguesa. Concluimos por “uma compreensão da ciência como forma epistêmica que adquire feições relativas à estrutura social em que se inclui e, vista deste modo, a dinâmica da ciência referencia-se à ordem burguesa, refletindo-a e impulsionando-a” (Neves e Borba, 2011, p.213) e também que o caráter revolucionário da burguesia, em suas origens históricas, advogou as ciências e o conhecimento científico como uma forma epistêmica revolucionária em face do saber religioso e do saber filosófico, expressões típicas da reacionária ordem feudal.

A tensão revolução e reação no que tange ao conhecimento nos permitiu também concluir que as ciências refletem a dinâmica histórica revolucionária e reacionária da própria burguesia. Como demonstração, vemos que alguns de seus intelectuais assinalaram o caráter de classe do conhecimento pré-científico como Saint-Simon que afirmava que o estudo de fatos sociais até o século XVII esteve submetido “à avidez dos governos, à astúcia dos charlatães, aos preconceitos e interesses de todas as classes poderosas” (Löwy, 1994, p. 19). À medida que se firma como classe dominante, a burguesia destrói a questão da subjetividade do saber, para tornar a ciência, atividade humana neutra, voltada ao progresso técnico e ao desenvolvimento da indústria capitalista, sendo Comte um dos principais sintetizadores dessa posição (idem, p. 22-24). A concepção de um plano científico pairando sobre a realidade social e de um

² Neste estudo, Michael Löwy (1994) foi a principal referência teórica.

conhecimento científico resultante de um conjunto de procedimentos específicos para purificação de toda dimensão “subjetiva”³, de toda contaminação política, social – a equivocada tese da neutralidade científica – decorrem justamente da destruição, no plano ideológico, do caráter subjetivo da ordem burguesa e do conhecimento científico.

O caráter social da produção do conhecimento científico tem nos levado a tomar o método científico como objeto teórico. Especificamente sobre a questão do método, temos examinado as contribuições metodológicas presentes em “O método da Economia Política” de Marx, motivadas pelas análises que Cardoso (1976, 1979, 1990) faz a partir do **MEP**, de que extrai lições teórico-metodológicas científicas gerais a partir da crítica de Marx sobre os limites teóricos-metodológicos⁴ da ciência econômica burguesa.

No plano teórico, todo o esforço de Marx em desenvolver uma nova produção teórica sobre o capitalismo lastreia-se em larga medida na necessidade de compreender de modo inequívoco a base material dos fenômenos políticos, esforço que precisava fugir dos equívocos teóricos-metodológicos da ciência econômica de sua época. O **MEP** congrega críticas teórico-metodológicas que Marx formulou nos momentos iniciais de sua produção teórica sobre o capitalismo e no texto é clara sua preocupação em *corrigir* as teorias de que vai se apropriando. As correções que o guiaram metodologicamente na teorização sobre o capitalismo foram formuladas ao longo de seu processo de estudo e análise da ciência econômica burguesa e suas críticas incidem justamente sobre aspectos teóricos problemáticos dessa ciência, como alguns que figuram no **MEP**: o tratamento naturalista e genético que seu deu às noções de indivíduo e de propriedade e a concepção generalista na análise social da produção econômica.

No **MEP**, são claros os erros metodológicos no desenvolvimento teórico-científico. O primeiro erro, talvez o mais impregnante para um conhecimento que reivindica tratar do real, da realidade – partir do que aparece como real – se expressa em sua advertência metodológica contrária ao desenvolvimento de estudos que supõem serem corretos por considerarem os aspectos mais evidentes da realidade. Esse risco

³ O caráter subjetivo do conhecimento é uma questão a ser aprofundada uma vez que toda produção teórica envolve certamente um sujeito, no sentido mais amplo, mas não um sujeito em si mesmo uma vez que todo sujeito é, ao mesmo tempo, objeto numa dada relação social.

⁴ Certamente a crítica de Marx é tributária de sua crítica política.

ocorre toda vez que não se põe em questão o problema das determinações do real⁵. Outro erro está em desenvolver abstrações e generalizações que terminem por suprimir as particularidades históricas e sociais dos objetos científicos, no caso de Marx, da produção econômica capitalista.

Além da leitura do próprio **MEP**, temos buscado nas contribuições de Miriam Limoeiro Cardoso (1979 e 1990) as lições teórico-metodológicas gerais⁶ que depreende da crítica metodológica de Karl Marx. Para apoiar a sua própria produção teórica, Cardoso realiza uma análise detalhada sobre o MEP, apresentando posições teórico-metodológicas em que a questão da realidade, do empírico e do científico são bem desenvolvidas. A autora afirma uma tese realista, ao afirmar que é a realidade quem define a validade do conhecimento científico, ao mesmo tempo em que adverte que não se deva equivaler dados empíricos a realidade, sendo a consequência metodológica de tais posições iniciar a investigação científica de um objeto através da crítica teórica.

As reflexões que vimos elaborando a partir do estudo das contribuições teórico-metodológicas de Miriam Limoeiro Cardoso nos abrem questões – em especial a questão da objetividade científica, da relação entre o objeto científico e a realidade, entre a teoria e a realidade – que podem ou não ser respondidas na sua própria contribuição teórico-metodológica. Com essa perspectiva, passamos a enriquecer nossa compreensão acerca do método de Marx, explorando análises de outros acadêmicos que se dediquem ao método de Marx, referentes ao **MEP** ou a outros textos de Marx⁷. Na próxima parte, figuram nossas primeiras sínteses dessas análises, limitando-nos neste momento a incluir algumas publicações da *Crítica Marxista*⁸.

⁵ Este problema é, a nosso ver, crucial uma vez que atinge justamente a cientificidade do conhecimento já que o saber científico é aquele que, para apreender as leis de desenvolvimento dos fenômenos naturais ou históricos, coloca como questão essencial a investigação das determinações reais dos fenômenos, o que não caracteriza as formas epistêmicas anteriores ao advento da ciência – o senso comum, a mitologia e a filosofia.

⁶ José Paulo Netto e Eduardo Ferreira Chagas têm publicações próprias e recentes a respeito de método em Marx que ainda não foram objeto de nossa investigação. Trata-se de NETTO, J. P. *Introdução ao Estudo do Método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011 e de CHAGAS, E. F. O método dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto. *Síntese – Revista de Filosofia*, v. 38, no. 120, 2011, p. 55-70.

⁷ A própria Cardoso (1990) sugere que há distintas formas de se apropriar do método de Marx, uma delas sendo uma análise metodológica de *O Capital*; Moraes (2010) chama atenção ao Posfácio da segunda edição, de *O Capital*, de 1873.

⁸ Como se trata de um estudo em andamento, é provável que, no caso deste texto ser acatado como contribuição ao 30º Colóquio Marx Engels, na ocasião do próprio Colóquio, já termos avançado em outras

Método científico correto: contribuições de acadêmicos a respeito do método científico de Marx em *Crítica Marxista*.

Num primeiro levantamento de publicações sobre método em Marx, identificamos na *Crítica Marxista* artigos de Jorge Grespan (2000), Leda Paulani (2000), Maurício Coutinho (2000), Helmut Reichelt (2011)⁹, Alfredo Saad Filho (2010), Quartim de Moraes (2010) e Fausto Castilho (2010). Neste trabalho, nos dedicamos às contribuições dos três últimos, expondo de cada artigo o objetivo central e as reflexões relativas ao método. Ao final, apresentamos considerações gerais, destacando aquelas que mais diretamente tanto afirmam quanto problematizam as conclusões que temos acumulado na trajetória de estudos sobre o método de Marx.

As considerações de Quartim de Moraes (2010) e de Fausto Castilho (2010) incidem sobre a dimensão editorial do corpo de textos no qual se insere “O método da economia política” de Marx, tanto na Europa como no Brasil, e apresentam em 2010 uma versão traduzida e bilíngue (português e alemão) do **MEP**. Para Moraes (2010, p.103),

(...) a Introdução de 1857 é o mais notável, ao lado do estudo sobre as “Formas que precederam a produção capitalista”, dos escritos incluídos nos *Grundrisse der Kritik der Politischen Ökonomie*, conjunto de manuscritos econômicos redigidos por Marx em Londres durante o biênio 1857-58 e publicados pela primeira vez em Moscou em 1939¹⁰.

Para Moraes (2010) o **MEP** supera outro texto metodológico – o posfácio à segunda edição d’O Capital – pois é aí que figura a “mais longa, densa e sistemática discussão sobre o método na obra de Marx”, (idem) sendo “(...) no texto sobre o método da economia política que ele mostra como seu método funciona. (idem) Também alerta para os problemas de tradução a que o texto foi sujeito, combatendo a apresentação da tradução de Fausto Castilho, reproduzida no mesmo artigo mas com data de redação de

publicações da *Crítica Marxista*. Neste caso, o que foi concluído e avançado diante da submissão do trabalho será distinto na exposição.

⁹ GRESPAN, Jorge. A crise na crítica à economia política. *Crítica Marxista*, v.1, n.10, 2000, p. 94-110. PAULANI, Leda Maria. A atualidade da crítica da economia política. *Crítica Marxista*, v.1, n.10, 2000, p.111-121. COUTINHO, Maurício. A crítica da economia política: teoria e atualidade. *Crítica Marxista*, v.1, n.10, 2000, p. 122-132. REICHELTL, Helmut. Que método Marx ocultou? *Crítica Marxista*, n.33, 2011, p. 67-82.

¹⁰ Logo a seguir, o tradutor Fausto Castilho afirma que a primeira publicação se dá em 1903 na *Die Neue Zeit*.

1996¹¹. Nesta nota, Castilho apresenta o contexto em que fez a tradução – no próprio 1996, por ocasião da inauguração de seminários do Cemarx – e assim a justifica.

A [tradução] francesa, de autoria de Husson e Badia, frequentemente utilizada entre nós e, por via de consequência, as que no Brasil e em Portugal a partir dela se fizeram, padece de flagrante impropriedade no trato da terminologia e da conceituação de proveniência hegeliana. Ora, quando algumas páginas atrás (cf. supra, p.625) Marx se diz hegeliano (“ein Hegelianer”), há que se tomar ao pé da letra a declaração de identidade, como fica de resto amplamente corroborado ao longo do texto que nos ocupa. (Castilho, 2010, pagina 7)

Outro artigo que trata de método em Marx, mas de modo incidental, é de Alfredo Saad Filho (2010) que tem como questão fundamental não tanto a construção teórica mas a relação entre teoria marxiana e a intervenção política concreta. Para Saad Filho,

“(…) a Economia Política marxista pode ajudar a superar a fragmentação das experiências de exploração, e demonstrar que a produção capitalista necessariamente envolve conflitos sociais na produção e na distribuição. Ela também pode informar ações práticas para superar esse modo de produção, não apenas através do trabalho teórico consistente, mas especialmente, e de forma urgente, para articular a possibilidade da liberdade humana e da sobrevivência biológica frente à catastrófica degradação ambiental promovida pelo capitalismo. (idem, p.18)

Esta relação entre a teoria e a política assoma da questão mais geral de seu artigo sobre a atualidade e vitalidade da teoria marxiana afirmada como “a única teoria do capitalismo com uma avaliação sistemática da dinâmica das crises” (Saad Filho, 2010, p.17). O que explicaria essa superioridade no plano teórico do marxismo relaciona-se a seus fundamentos metodológicos que tratam de modo conexo e interdeterminado aspectos da realidade que em outras teorias é analisado de modo desconectado e indeterminado.

Diz:

O potencial superior da teoria marxista deve-se ao fato de ela reconhecer que a realidade é um todo concreto que determina os seus momentos, enquanto a maioria das teorias sociais presume o contrário. Na teoria marxista, entender a realidade é o processo de reconstruir no pensamento – ou apropriar-se conceitualmente de – as estruturas e relações *reais* de determinação entre o concreto e seus momentos. (Saad Filho, 2010, p.12)

A vitalidade da teoria marxiana por sua vez está em que ela não é uma produção meramente conceitual mas uma articulação teórica e histórica, conforme afirma:

¹¹ Em nota de rodapé do texto de Fausto Castilho, há intervenção de Quartim de Moraes, ficando explícita a divergência de ambos sobre a herança hegeliana de Marx.

(...) A limitação básica do raciocínio conceitual é que é impossível demonstrar porque as relações evoluindo na cabeça do analista devem existir no mundo real. Colocado de outra forma: a realidade é formada pela estrutura social e por tendências e contratendências que podem ser derivadas dialeticamente, e por contingências determinadas historicamente que não podem ser derivadas. Não é possível antecipar o resultado da interação entre elas. O reconhecimento de que as contingências históricas pertencem ao método de estudo – ou seja, de que a lógica e a história são inseparáveis – não é uma concessão ao empirismo. É apenas a constatação de que a realidade não pode ser reduzida a um sistema de conceitos. (idem, p.13)

São articuladamente a teoria, ao explicar a estrutura e a dinâmica do capitalismo através da estrutura de suas tendências e contratendências, e a metodologia, através da qual se exige realizar teoricamente conexões reais e também continuamente confrontar a teoria face a história que, para o autor, explicam a validade e atualidade teórica do método e da teoria de Marx. Esta teoria compreende uma “base analítica” que permite atualizar a análise do capitalismo, em seu desenvolvimento histórico. Saad Filho extrai dessa base analítica fundamental os conceitos de “classe capitalista”¹², “classe trabalhadora”¹³, “frações de classe” e “diferenças de classes” e defende que o desenvolvimento articulado desse aparato conceitual permite compreender a complexidade social atual.

Uma vez que defende a atualidade e a capacidade da teoria marxiana d’*O Capital* em transformar a realidade, “o problema principal” passa a ser a direção do processo político. Saad afirma:

“O problema principal é *entender o desenvolvimento como um processo político e como direcioná-lo num rumo democrático* enquanto, ao mesmo tempo, se buscam formas de impor *mudanças fundamentais* nas relações de classe.” (Saad, 2010, p.16, grifos do autor)

Considerações parciais a partir de acadêmicos sobre o método de Marx.

Ao iniciarmos a pesquisa sobre as contribuições de acadêmicos brasileiros a respeito do método de Marx, supúnhamos que tanto haveria a abordagem exclusiva do texto do método de Marx quanto encontraríamos a mesma direção de estudos de Miriam Limoeiro Cardoso e nossa – a apreensão na Introdução à Crítica da Economia Política de orientações metodológicas que lastream a produção científica d’*O Capital* por Marx. Tal suposição se revelou equívoca pois tanto a direção dos estudos quanto a fonte

¹² De que extrai também o caráter concorrencial de setores, entre setores e no plano internacional.

¹³ Que particulariza em qualificação, gênero, etnia e nacionalidade.

utilizada não foram sempre idênticas, o que não nos impediu de apreender nesses artigos relações entre método e conhecimento e de perscrutar inferências metodológicas que os autores tributam à contribuição teórico-metodológica marxiana, o que se coliga à nossa questão teórica sobre método científico, sobre produção do conhecimento científico.

Numa primeira análise, identificamos que as análises diferem em relação às contribuições teórico-metodológicas de Miriam Limoeiro Cardoso que até aqui tem sido nossa principal referência para o estudo do método de Marx, o que não significa que invalide as posições de Miriam Limoeiro Cardoso uma vez que tratam de questões distintas e partem de textos teóricos distintos.

De Miriam Limoeiro Cardoso, cuja perspectiva é a reflexão metodológica marxiana, extraímos as notações metodológicas que nos permitem pensar uma epistemologia científica geral – a relação entre teoria e objeto científico e a relação entre objeto científico e realidade – notações essenciais para o contínuo movimento teórico na construção e no desenvolvimento de pesquisas científicas.

As contribuições de Saad Filho, que não são estritamente do método de Marx, nos mostram que a dimensão metodológica se encadeia na questão teórica e política. As posições do autor ante o problema da relação entre teoria e ação política, nos parecem ser em última instância, da relação entre teoria e realidade, questão que já figurava como problema desde as considerações de Miriam Limoeiro Cardoso ao tratar de objetividade teórica e objetivação.

Já as contribuições de Quartim de Moraes (2010) e de Fausto Castilho (2010) nos direcionam a um outro plano de análise uma vez que assinalam que o próprio texto metodológico de Marx tem uma história particular, história que pode ser perscrutada nos diferentes projetos editoriais que o suportaram.

Esta contribuição específica e uma visão de conjunto desses primeiros estudos nos chamam desde já atenção para uma dimensão que não estava tão assinalada no movimento inicial da pesquisa – a dimensão social das posições dos acadêmicos que examinamos – o que nos leva a interrogar para além de suas próprias contribuições, o sentido social de suas questões e de suas referências teóricas, e também as relações editoriais tanto da produção teórica de Marx quanto dos diferentes intérpretes do marxismo.

REFERÊNCIAS

CARDOSO, Miriam Limoeiro. O mito do método. *Boletim Carioca de Geografia*. Rio de Janeiro, Ano XXV, 1976, p. 61-100.

_____. Para o conhecimento dos objetos históricos: algumas questões metodológicas. *Cad. EIAP*, Sér. Desenvolvimento Agrícola, I, Rio de Janeiro, FGV/EIAP, 1979, p. 38-53.

_____. Para uma leitura do método em Karl Marx: anotações sobre a "Introdução" de 1857. *Cadernos do ICHF*, UFF, Rio de Janeiro, 1990.

CASTILHO, Fausto. Tradução de O método da economia política, Karl Marx. *Crítica Marxista*, n.30, 2010, p.102-125.

LÖWY, Michel. *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Munchhausen; marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento*. São Paulo: Cortez, 1994.

MARX, Karl. *O método da economia política*. Lisboa, Editorial Estampa, 1974.

MORAES, João Quartim de. Apresentação de O método da economia política, Karl Marx. *Crítica Marxista*, n.30, 2010, p.102-125.

NEVES, Rosa Maria Corrêa; BORBA, Siomara. Alguns aspectos para se pensar a pesquisa em educação: o estatuto epistêmico e social da ciência. *Contrapontos*, v. 11, 2011, p. 207-214.

_____. Método da economia política: algumas indicações para uma reflexão sobre a pesquisa em educação. *Dialectus*, v. 5, 2014, p. 141-150.

SAAD FILHO, Alfredo. A atualidade da Economia Política marxista. *Crítica Marxista*, n.30, 2010, p.11-19.